

A estratégia de Brizola para negociar a aliança

Leonel Brizola decolou do Rio na segunda-feira à noite rumo à sua fazenda no Uruguai disposto a aumentar a sua cotação na bolsa dos acertos políticos que o PT terá de costurar para ampliar sua base de sustentação no segundo turno. E no primeiro movimento, feito naquele mesmo dia após a reunião da executiva do PDT, Brizola tratou de jogar para cima o seu preço: aproveitou a idéia do pedido de renúncia de Lula em favor do tucano Mário Covas que poucos levaram a sério durante o encontro, colocou-a em circulação como se fosse sua decisão final e, com isso, preparou-se para cobrar caro sua aproximação do PT.

A partir daquele momento, Brizola iniciou um bailado político à espera do pregão dos petistas. Na noite de terça-feira, já instalado na tranqüilidade da sua estância, na província de Durazno, Brizola ainda se mostrava distante de um acordo com Lula. Pelo telefone, voltou a falar das cicatrizes deixadas pelo embates da campanha do primeiro turno com o candidato do PT e da pequena margem de votos que deu a vitória final a Lula — razões suficientes,

no seu entender, para uma “reflexão” sobre a viabilidade do atrelamento das aguerridas bases do seu partido à Frente Brasil Popular.

Brizola não queria lançar-se no comboio de Lula sem antes consolidar uma posição de força na mesa de negociações. A estratégica viagem ao Uruguai ajudou a transformá-lo em um apoio a ser duramente cortejado por Lula. O líder do PDT teve até o cuidado de não atender o primeiro telefonema disparado por Lula de São Paulo, na terça-feira: “Estava passeando com a minha mulher, Neusa, e não pude atendê-lo”.

Finalmente, ontem à tarde, os dois conversaram e marcaram uma primeira conversa, a ser travada sábado à tarde, no apartamento de Brizola, na Avenida Atlântica, no Rio, quando então poderá começar a cobrar o seu preço. Como todas as decisões importantes que tramitam no PDT, ainda não se pode dizer com segurança quais serão as exigências de Brizola.

Mas há indicações de que Brizola não desejaria, em princípio, comprometer o seu partido com cargos num eventual governo Lu-

la, reservando-se o papel de opositor em potencial de um governo petista. Há no partido quem sonhe com o lançamento de uma chapa com o próprio Brizola de vice, fazendo dobradinha com Lula, em nome de “compromisso histórico” do PDT de lutar contra a direita. Por ser muito polêmica, a questão certamente não será debatida agora, embora Brizola demonstre não abrir mão do afastamento do vice de Lula, senador José Paulo Bisol, um dos seus alvos prediletos no primeiro turno.

O certo é que o PDT não esquecerá de incluir como um dos primeiros pontos da sua lista de reivindicações para um acordo a adoção pelo PT de um programa educacional baseado nos Centros Integrados de Ensino Público (Cieps), a principal bandeira da propaganda pedetista. Brizola certamente não deixará de lado, nas conversações, suas críticas à ala progressista da Igreja, que ele não gostaria que viesse a ter voz ativa em Brasília, se Lula tornar-se o novo inquilino do Palácio do Planalto, e continuasse a agir com desenvoltura nas áreas de conflito de terras.

Aluizio Maranhão